

EU & Carreira

RECRUTAMENTO **EXECUTIVO**

Setores mais afetados pela crise suspendem as novas contratações

As áreas financeira, de construção e automotiva são as primeiras a congelar as vagas. Por **Luiza Dalmaz** e **Stela Campos**, de São Paulo

O esfriamento dos negócios e da confiança no mercado financeiro mundial fazem empresas no Brasil suspenderem a contratação de diretores e gerentes. De acordo com cinco das principais empresas de recrutamento do país, o congelamento dessa busca por profissionais é sentido, sobretudo nos setores mais afetados pela crise, como o financeiro, automotivo e de construção. Outras áreas que vêm sofrendo com a falta de talentos nos últimos anos, como a de petróleo, energia, agronegócios (serviços) e infra-estrutura, ainda mantém as novas contratações. Mas a expectativa dos recrutadores é que os negócios desacelerem nos próximos meses.

A escassez de profissionais vivida em diversos setores da economia brasileira nos últimos anos alavancou os negócios de muitas empresas de recrutamento no segmento de alta e média gerência, assim como estimulou a entrada de novos "players". Juntaram-se à Michael Page, Case e Ricardo Xavier Recursos Humanos (antiga Manager), a Hays, Robert Half e há três meses, a Alpen, braço de recrutamento executivo da Allis, segunda maior empresa de recursos humanos do país.

O futuro dessas companhias depende da disposição das empresas do país em continuar

abastecendo seus quadros. A Michael Page que cresceu 49% nos primeiros sete meses do ano, viu o cenário mudar em setembro e no começo de outubro. "A histeria está causando uma certa paralisação", reconhece Paulo Pontes, presidente da empresa no país. "As companhias estão pensando duas vezes antes de abrir novas vagas. Também estão mais cautelosas na hora de decidir sobre um candidato", conta. Num mercado aquecido, a escolha do executivo é mais rápida, segundo ele, porque a empresa tem medo de perder um bom profissional para a concorrência. Com a crise, os processos ficam mais morosos.

Gustavo Costa, diretor da unidade carioca da Hays, acredita que as companhias apenas colocaram no congelador antigos projetos de investir em novas vagas e postergaram essas iniciativas. "As substituições continuam sendo conduzidas com normalidade, principalmente as mais estratégicas", diz.

Na opinião dos recrutadores, o primeiro a ser afetado pela crise foi mesmo o setor financeiro, em especial, os bancos. Os executivos de instituições estrangeiras no Brasil estão, inclusive, entrando em contato com eles para prospectar uma oportunidade de trabalho. A preocupação atinge sobretudo quem atua nas operações diárias, o

chamado "front office".

Na área de de consumo imediato, como o varejo, muitas indústrias recuaram nas contratações. "O setor de bens duráveis sente mais porque as pessoas estão comprando menos, mas o de consumo de massa deve continuar em alta", aposta Carlos Eduardo Dias, diretor-executivo da Alpen.

No agronegócio, a demanda por profissionais para atuarem na parte de serviços, consultoria, análise e projetos deve continuar. "A indústria de base, que precisa de crédito, sofrerá mais", acredita o presidente da Michael Page.

O congelamento das contratações, no geral, acontece em companhias cujos negócios dependem da importação de produtos. "As empresas vão esperar o tempo nebuloso passar", diz Fernando Matovani, diretor da Robert Half.

Marli Manara da Silva, gerente de recursos humanos da Tenneco Automotive, fabricante de amortecedores e outros equipamentos, conta que interrompeu os projetos de troca ou reposição de funcionários. E, como segunda medida, pretende levar adiante somente 60% dos planos de contratações previstos para o último trimestre desse ano.

Alguns setores que vivem uma boa fase de desenvolvimento no país como o de petróleo, energia, siderurgia, mineração e teleco-



Para Paulo Pontes, presidente da Michael Page no Brasil, "a histeria está levando a uma certa paralisação"

municações devem continuar contratando. "As companhias não vão desistir de investir porque sabem que o retorno aparece no longo prazo, portanto, existe tempo suficiente para a reversão da crise", explica Costa, da Hays.

O gerente de remuneração da Philips para a América Latina, Ronaldo Nóbrega, por exemplo, explica que não é idéia da companhia cortar pessoas, nem parar contratações, porque as áreas de produtos eletrônicos, de sistemas médicos e de iluminação deverão continuar crescendo no Brasil, independentemente da crise no mercado externo.

O presidente da Ricardo Xavier Recursos Humanos, Hélio Terra, acredita que as empresas estão

apenas mais cautelosas. "É preciso esperar o tsunami passar para saber quantos corpos ficaram no chão", compara. "Se vimos faltar gente qualificada nos últimos três anos, ainda haverá vagas para quem estiver preparado", diz.

André Bocater, da Alpen, acredita que a falta de profissionais em áreas técnicas, como engenharia, irá assegurar a continuidade das contratações. "Faltarão engenheiros para a construção de portos, para o setor de petróleo e todos os projetos de infra-estrutura em andamento", diz. Ele conta que mesmo com pouco tempo de atividade no mercado de recrutamento, sua companhia já teve que repatriar técnicos brasileiros para suprir o aumento

dessa demanda.

Mantovani, da Robert Half, acredita que o país ainda é atraente para os investidores estrangeiros. "Acabo de sair de um cliente sueco que confirmou planos de investir aqui", conta. Ele lembra também que apesar do ambiente recessivo na Europa e nos Estados Unidos, a previsão é de apenas uma redução no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), mas ainda assim fala-se em crescimento. "Se não for de 3,5%, será de 2,5%", diz. Dentre os quase 100 clientes com quem ele e outros profissionais da Robert Half conversaram na última semana — de diversos segmentos, a maioria de grande porte — nenhum planeja demitir.